

## AS CEBS E O INCLUSIVISMO CATÓLICO NA AMÉRICA LATINA.

CAMPOS, Mônica Baptista (PUC - RJ)

As Cebes – Comunidades Eclesiais de Base - surgiram na década de 60 na América Latina; nasceram no seio da Igreja Católica sob o lema 'Um novo modo de ser Igreja', entretanto, Carlos C. Santos e Gilvander L. Moreira narram, a partir do texto "Cebes: Memória e Utopia,<sup>1</sup> que a história das Cebes é anterior a este período, sua gênese está nas comunidades primitivas, conforme a leitura de At 2,42-47; 4,32-37; 5,12-16. "As CEBs têm uma origem próxima e uma origem remota; são um jeito muito moderno e muito antigo da Igreja ser Povo de Deus, a mais bela intuição do Concílio Vaticano II. " Segundo Leonardo Boff, em uma entrevista, as características dessas comunidades são: Bíblia, oração/celebração, comunhão/partilha. Tendo como missão a atuação profética na sociedade e política.

O Concílio Vaticano II foi um marco para a Igreja Católica. Configurou-se, a partir deste evento, um novo paradigma de identidade e missão da Igreja. A ênfase do concílio foi o aspecto pastoral e o relacionamento da Igreja com o mundo secular.

A *Lumen Gentium* (Luz dos Povos), constituição dogmática do referido concílio promulgada em 21 de novembro de 1964, aborda a natureza e missão da Igreja - aspectos que constituem sua identidade - e neste sentido, enfatiza o caráter da Igreja como 'Povo de Deus'. Muito diferente da eclesiologia 'aprovada' no Concílio Vaticano I, que se referia à Igreja como sociedade perfeita. Como 'Povo de Deus', a Igreja é toda ministerial, leigos e leigas adquirem o papel de protagonistas da evangelização, são convocados a participarem ativamente do apostolado, não são agentes passivos, são sujeitos da evangelização no mundo. O Vaticano II 'desenhou' uma Igreja mais participativa e democrática, "mais ministerial e missionária, mais ecumênica, solidária e servidora, sacramento do Reino de Deus *no e para* o mundo".<sup>2</sup>

A perspectiva do concílio foi confirmada nas conferências episcopais realizadas no continente: Medellín (1968) e Puebla (1979). No capítulo III do documento final de Puebla, que expressa a situação eclesial da época, o item 96 diz: "As comunidades eclesiais de base que em 1968 eram apenas uma experiência incipiente amadureceram e multiplicaram-se sobretudo em alguns países. Em comunhão com os

---

<sup>1</sup> SANTOS, Carlos C, Moreira, Gilvander L, Cebes: Memória e Utopia, Net, disponível em: <http://www.cultiva.org.br/textos/CEBs%5B1%5D.doc..> Acesso em: 11 jan 2007.

<sup>2</sup> Ibid.

seus bispos e como o pedia Medellin, converteram-se em centros de evangelização e em motores de libertação e de desenvolvimento.”

Os autores Carlos C. Santos e Gilvander L. Moreira apresentam uma síntese da identidade das Cebes num quadro sinótico.<sup>3</sup>

<b>O QUE as CEBs NÃO SÃO</b>	<b>O QUE as CEBs SÃO</b>
- movimento de Igreja	- estrutura de Igreja: sal, fermento, luz;
- grupo sectário, fechado ao diálogo e ao diferente;	- fundamentalmente ecumênicas: abertas ao diálogo e à inclusão; inculturadas e inclusivas;
- concentração de riqueza, prestígio e poder;	- supera a tentação do poder dominação; poder participado, partilha do ser e do ter a serviço de todos;
- palavreado sem repercussão na prática;	- saber e ser, falar e agir, se articulam para mudar o mundo e as igrejas;
- alienadas da realidade e da vida;	- encarnadas na realidade do povo que sofre e luta por melhores condições de vida; Libertadoras.
- espiritualistas desencarnadas; fé volatilizada;	- “espiritualidade libertadora”, que encontra na Palavra de Deus a luz para transformar as realidades sócio-políticas e econômicas;
- confusas na relação fé/política;	- une fé e vida, religião e política;
- celebração sem ação e atualização;	- celebração da vida atualizada na ação;
- egoístas/individualistas;	- solidárias e fraternas na defesa dos interesses da coletividade;
- descomprometidas com a justiça;	- combativas na luta contra tudo o que oprime e exclui “mulher e homem - imagem de Deus”;
- igrejas que metem medo nas pessoas;	- mantém vínculo estreito e fidelidade total a Jesus, a seu Caminho, a seu projeto;
- igrejas que imprimem sentimento de culpa.	- tem uma consideração e carinho especial pelos pobres e excluídos ;
- alimentadoras de dualismos.	- alimenta a comunhão eclesial e a relação de tudo com tudo;
- salvação é uma questão individual.	- salvação é graça e é algo comunitário, implica libertação integral ;
- promotoras de individualismo.	- mesmo em meio à dor e sofrimento – e até por causa da dor e do sofrimento – é testemunha da alegria;
- enfatizam demasiadamente nossa dimensão pecadora	- conserva viva na mente, no coração e na liturgia a memória e comunhão com os Mártires da Caminhada ;
- pensar que a vida tem uma dimensão mágica.	- Deus age nas entranhas da história ;
- defensoras de moralismo.	A vida acima de tudo; Ética, sim; moralismo, não!
- defensoras ingênuas das Instituições	-participa ativamente nas “ferramentas do Reino” (pastorais sociais, associações de

<sup>3</sup> Ibid.

	bairro, movimentos populares, ONGs, sindicatos, partidos políticos etc.)
- redutoras do ser humano a mero consumidor.	- denunciam a idolatria do mercado e do capital.

As Cebcs também revelam uma vocação profética: denunciam opressões, lutam pela igualdade de gênero e racial, defendem a preservação do ecossistema, e muitos mártires já entregaram sua vida pela justiça do Reino.

Periodicamente, as Cebcs se reúnem em um grande encontro, denominado de *Intereclesial*, que congrega participantes, delegados e agentes de pastoral de várias comunidades. Ao longo dessa caminhada – até 2007 -, foram realizados onze *Intereclesiais* de base, que além de celebrarem a festa e memória dessa caminhada, também apresentam temas que serão debatidos pelos participantes e delegados:

- I - 1975 – Vitória-ES - Uma Igreja que nasce do Povo pelo Espírito de Deus.
- II - 1976 – Vitória-ES - Igreja, Povo que caminha.
- III - 1978 – João Pessoa-PB - Igreja, Povo que se liberta.
- IV - 1981 –Itaici-Indaiatuba-SP - Igreja, Povo oprimido que se organiza para a libertação.
- V - 1983 – Canindé-CE - Igreja, Povo unido, semente de uma nova sociedade.
- VI - 1986 – Trindade-GO - Cebcs, Povo de Deus em busca da Terra Prometida
- VII - 1989 – Duque de Caxias-RJ - Cebcs, Povo de Deus na América Latina a caminho da libertação.
- VIII - 1992 - Santa Maria RS - Cebcs, Povo de Deus renascendo das culturas oprimidas.
- IX - 1997 - São Luís-MA - Cebcs, Vida e Esperança nas massas.
- X - 2000 - Ilhéus-BA – Cebcs, Povo de Deus, 2000 anos de caminhada.
- XI – 2005 – Ipatinga-MG – Cebcs, espiritualidade libertadora: Seguir Jesus no compromisso com os excluídos.

#### 1) Fundamento das CEBs: Bíblia.

As CEBs, enquanto comunidades ‘encarnadas’ e comprometidas em atuar na política, no social e cultural, se alimentam da Palavra de Deus; a Bíblia é utilizada para iluminar a vida de um povo que caminha para a libertação, não é um objeto de pesquisa e estudo. Entretanto, é o próprio estudo científico e a exegese moderna que possibilitam afirmar que a Bíblia nasceu da vida sofrida do povo. A Bíblia é fruto de uma caminhada de libertação. Interpretada pelo povo, ela revela a presença libertadora de Deus na vida, nos fatos, na luta e na caminhada. É a Boa Nova que nutre a

esperança. A Sagrada Escritura, em seu lugar de origem e destino – vida do povo – demonstra a capacidade renovadora e transformadora da Palavra de Deus.

Não é arriscado afirmar que o Método de Leitura Popular da Bíblia, sistematizado por Frei Carlos Mesters, a partir dos Círculos Bíblicos nas CEBs, é um dos elementos aglutinadores de cristãos católicos e não-católicos. A Bíblia, que antes foi objeto de divisão de cristãos – Reforma – se torna o principal elemento para a inclusão de protestantes e evangélicos nas CEBs. O CEBI – Centro de Estudo Bíblicos – é uma associação ecumênica sem fins lucrativos que foi constituído por homens e mulheres, católicos e não-católicos, justamente para divulgar, aprimorar e capacitar pessoas no método de Leitura Popular da Bíblia.

#### Leitura Popular da Bíblia.

Como primeiro elemento de diferenciação, Mesters aponta para o ‘deslocamento’ do lugar da Bíblia: das mãos dos exegetas para as mãos do povo. Este lugar apresenta novas perspectivas hermenêuticas a partir de seu próprio objetivo - revelar Deus hoje na caminhada do povo. Um povo que vive no ‘cativeiro’, engajado em uma luta de libertação, onde não há separação entre fé e vida, onde a Bíblia é utilizada para alimentar a fé, que se expressa no serviço. O povo se torna o *sujeito* da interpretação, sendo esta na verdade, uma ação comunitária, onde todos participam, inclusive o exegeta, que deve ter um sentimento de ‘pertença’ com a comunidade, a fim de buscar o *sentido* comum aceito por esta comunidade, disponibilizando assim a exegese científica, e se colocando mais a serviço<sup>4</sup>. A entrada de um novo sujeito determina uma outra *experiência com a Bíblia*; através do olhar dos oprimidos e marginalizados, percebe-se o quanto os intérpretes (exegetas) reforçam preconceitos ideológicos – “por falta de uma consciência social crítica” - e acabam por utilizar a Bíblia para legitimar o sistema que oprime.<sup>5</sup> Mesters esclarece que o “estudo científico da exegese moderna mostrou claramente que a Bíblia nasceu da vida sofrida do povo. A Bíblia é fruto de uma caminhada de libertação”.<sup>6</sup>

O método apresenta dois movimentos: da situação de hoje para interrogar o texto bíblico e a partir do texto para iluminar a situação de hoje. Se expressa em três ângulos: realidade hoje, fé da comunidade de hoje e sua caminhada e texto da Bíblia,

---

<sup>4</sup> MESTERS C, OROFINO F, *Sobre a Leitura Popular da Bíblia*, disponível em: [http://ar.geocities.com/rebilac\\_coordcont/mesters\\_orofino](http://ar.geocities.com/rebilac_coordcont/mesters_orofino), acesso em: 27 jan 2007

<sup>5</sup> Ibid.

<sup>6</sup> MESTERS, Carlos, *Flor Sem Defesa*, Vozes, Petrópolis, 1983.

que informa sobre a realidade da comunidade daquele tempo. A metodologia impecável de Mesters aborda também quatro contextos: o *literário*, de dentro do livro, elencando o que sucede e precede ao texto, o *histórico*, da situação do povo quando ocorreu o fato, o da *redação*, de quando foi escrito e porque foi escrito, e por fim, o de hoje, o contexto do *Espírito*.

Mesters e Orofino indicam que esta leitura é semelhante à das primeiras comunidades de cristãos – At 1,16-20; 2,29-35; 4,24-31 – e também àquela que faziam os Padres dos primeiros séculos. Os autores alertam que para uma boa interpretação do texto, é necessário um ambiente acolhedor para esta Palavra, que congregue fé e fraternidade através de cantos, orações e celebrações. Este é o contexto do Espírito que ‘atualiza’ o texto, revelando o *sentido* para hoje. Isto não é captado puramente pelo intelecto e razão, mas é, sobretudo, um *sentir*.

Depois da Reforma, e até o início do século XX, pode-se interpretar que a Igreja Católica manteve severas reservas quanto à utilização da Bíblia sem o apoio da Tradição e magistério eclesial. E não sem fundamento, pois atualmente assistimos a uma proliferação de interpretações que levam em conta apenas a ‘possível’ inspiração do Espírito.

No início do século XX, os papas manifestam sua atenção para as novas abordagens e perspectivas lançadas sobre a Bíblia. Leão XIII cria em 1902 a Comissão Bíblica e Pio X, em 1909, o Instituto Bíblico. Para a Igreja Católica foi de grande importância a Encíclica *Divino afflante Spiritus* (1943) do Papa Pio XII, encorajando e estimulando novas ‘leituras’. Na década de 60, o Concílio Vaticano II elabora a *Dei Verbum*, constituição dogmática sobre a Revelação Divina, que afirma a necessidade dos católicos e católicas de se nutrirem assiduamente com a palavra de Deus.

## 2) CEBs, um passo em direção à inclusão ecumênica.

As CEBs possuem duas características na sua identidade de comunidade que se assemelham aos ideais reformadores: a Bíblia e a participação maior dos leigos. Como já bem divulgado pela História, a intenção de Lutero não era a ‘criação’ de uma nova Igreja, mas sim, reformar a já existente, daí o nome *reforma* e *protesto*. Quem reforma, reforma alguma coisa que já existe, quem protesta, protesta contra algo já existente. De forma que se pode admitir que historicamente a identidade dos protestantes foi ‘construída’ para estar intimamente ligada à catolicidade e universalidade da Igreja. Juan Luis Segundo, teólogo católico da Teologia da

Libertação, afirma que o protesto de Lutero é legítimo e expressa o sentimento cristão de indignação contra toda absolutização das realidades relativas do mundo por um sistema de crenças. O protesto pode ser interpretado como atitude profética do Povo de Deus, os profetas do Antigo Testamento denunciavam as irregularidades dos reis, sacerdotes do Templo e do povo de Israel quando este se afastava de Deus e buscava a idolatria.

A construção da identidade das CEBs pode também ser interpretada como uma nova leitura dos ideais da Reforma – Igreja reformada ('um novo modo de ser Igreja'), sempre reformando (na dimensão *ad intra e ad extra*<sup>7</sup>) – numa versão popular do século XX. No entanto, essa 'versão' de 'reforma' promovida pela Leitura Popular da Bíblia e pelas CEBs só é possível devido à própria divisão ocorrida anteriormente. Se a Reforma do século XVI acabou por derivar em identidades diferenciadas – 'eu' católico e 'tu' protestante -, a que se realiza hoje através das CEBs é reforma de inclusão, entretanto mantendo as identidades construídas historicamente. As CEBs, vistas com 'olhos católicos', não representam uma 'reforma' e sim uma volta às comunidades primitivas, mas Lutero, na sua reforma, também se inspirava nas primeiras comunidades cristãs, e como nos diz a história das CEBs, é sob esta mesma inspiração que se formam as primeiras Comunidades Eclesiais de Base a partir de grupos católicos populares. Não é por acaso que Rubem Alves, teólogo e pastor evangélico disse que o *Espírito* soprou na Reforma e agora sopra nas CEBs.

Este 'novo modo de ser Igreja' atrai presbiterianos, luteranos, metodistas, entre outras denominações religiosas cristãs, formando, e a partir desta configuração, uma comunidade com forte abertura ecumênica. Podemos concluir, como os autores Carlos C. Santos e Gilvander L. Moreira que CEBs são realmente estrutura de Igreja: sal, fermento e luz.

Embora possamos relacionar as Comunidades Eclesiais de Base com os ideais reformadores e a partir daí, justificar a assimilação de não-católicos à comunidade, também podemos relacionar esse 'fenômeno' do ecumenismo das CEBs com a realidade da América Latina. É o que será demonstrado no próximo item.

### 3) América Latina: realidade de opressão que não distingue credo.

---

<sup>7</sup> Ad intra – dimensão interna, referente à identidade da Igreja; ad extra – dimensão externa, referente à missão da Igreja no mundo. Articulando-se esses movimentos, pode-se dizer que a Igreja é tanto mais fiel à sua identidade quanto mais missionária ela é.

Como já visto nos itens anteriores, existem elementos constitutivos – teológicos e eclesiológicos - da gênese das CEBs que congregam a diversidade de credos cristãos. Entretanto, não podemos deixar de analisar a realidade que vive as Igrejas na América Latina.

O desafio dos cristãos do Terceiro Mundo não está no ateísmo secular, como no caso da Europa; o problema da América Latina está na realidade de exploração e opressão que vive a maioria de seus habitantes, nas injustiças de um sistema, cuja análise teológica aponta para um pecado estrutural<sup>8</sup>. Esta realidade não faz distinção de credo: os negros ainda sofrem com o racismo ‘oculto’, as mulheres ainda são submetidas a maus tratos e exploradas sexualmente, as crianças são vítimas de violência física e sexual, os pobres continuam marginalizados, com assistência médica precária e educação deficitária, os jovens aderem ao tráfico de drogas por não terem colocação no mercado de trabalho, entre tantos outros problemas. O grande desafio dos cristãos é promover a dignidade humana e valorizar a vida.

A teóloga mexicana Elsa Tamez diz no seu artigo *La Justificación por la fé desde los excluidos*<sup>9</sup> que as discussões teológicas entre católicos e protestantes acerca da justificação pela fé são irreais e completamente abstratas para a América Latina, pois não transformam a realidade nem geram ações e práticas solidárias.

Desde Medellín, a Igreja Católica vem reforçando a opção preferencial pelos pobres. Opção ‘re-descoberta’ pela Teologia da Libertação que se inspirou no Êxodo e na ação de Deus que tira o povo da escravidão do Egito (Ex 20,2-3). Neste sentido, a Conferência de Puebla reforçou as convicções dos bispos em Medellín enfatizando uma pastoral libertadora e a importância das Comunidades Eclesiais de Base neste processo.

A realidade de injustiça social interpela aos cristãos uma ação transformadora, onde não importam as ‘discussões teológicas abstratas’, mas a efetiva resistência a um sistema que transforma o ser humano em objeto de uso e consumo.

A partir da perspectiva de opressão e marginalização dos pobres e excluídos socialmente, a luta para se libertar desse sistema desumanizante torna-se única, pois existem pobres e marginalizados católicos e não-católicos. Elsa ainda nos diz, neste

---

<sup>8</sup> RUBIO, A.G, *Teologia da Libertação: política ou profetismo?*, São Paulo, Edições Loyola, 1983, p. 49.

<sup>9</sup> TAMEZ, Elsa, *La Justificación por la fé desde los excluidos*, *Revista Pasos Nro.:* 47- Segunda Época 1993: Mayo Junio.

mesmo artigo, que os pobres são as primeiras vítimas do pecado, não são as únicas, mas nos trazem a realidade ‘visível’ do pecado estrutural instaurado e legalizado socialmente.

Pode-se então dizer que a perspectiva libertadora para a América Latina congrega a união dos cristãos. Parece traduzir uma nova utopia, que se inspira no Reino de Deus e na prática de Jesus, e que através das CEBs se espalha a outras denominações religiosas.

As lutas de homens e mulheres cristãs que buscam resgatar o valor da dignidade humana nos países de Terceiro Mundo representam a mensagem do próprio Cristo : “Eu venho para todos tenham vida e vida em abundância”.

A consciência cristã, a partir do contexto sócio-cultural-econômico da América Latina, praticamente incita aos cristãos a saírem de suas próprias convicções teológicas-eclesiais para irem ao encontro do pobre, do necessitado, do marginalizado, do excluído. Para os que não separam fé e vida, é no mínimo um paradoxo – ou absurdo – que o Brasil seja um dos maiores países cristãos e ainda assim, possua um dos maiores índices de desigualdade social. A realidade latina-americana é um desafio de evangelização, não tanto pelos que não acreditam, mas pelos ‘evangelizados’ que não praticam o Evangelho. E assim como há oprimidos em todos os credos, há também opressores de todas as denominações religiosas.

#### 4) Inclusão das Mulheres.

A experiência das CEBs é também uma experiência de poder (ou empoderamento) para as mulheres. Segundo Cynthia Sarti<sup>10</sup>, o feminismo no Brasil (década de 70) teve uma ‘coloração própria’, pois já em sua origem estava envolvido em uma ‘delicada relação com a Igreja Católica’. Através da ação pastoral da Teologia da Libertação, e das CEBs, desenvolveram-se organizações de mulheres, de mães, associações de bairro, que fomentavam uma reflexão da condição da mulher na sociedade e na Igreja, e se organizavam para reivindicar melhores condições de vida: escolas, saneamento, creches, postos de saúde, etc.

---

<sup>10</sup> SARTI, Cynthia Andersen. *Net*, Rio de Janeiro, ago 2006. Brazilian feminism since the seventies: revisiting a trajectory. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 12, n. 2, 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2004000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000200003&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 21 Ago 2006.



No âmbito do catolicismo, a hermenêutica bíblica feminista é reconhecida pelo Magistério da Igreja, que no Documento da Pontifícia Comissão Bíblica, item E n° 2, afirma que são numerosas as contribuições da exegese feminista, inclusive no sentido de corrigir interpretações tendenciosas que visavam justificar a dominação do homem sobre a mulher. A Encíclica *Pacem in Terris* (1963), do Papa João XXIII aponta o empoderamento da mulher como um dos ‘*sinais dos tempos*’ – item 41: “*Torna-se a mulher cada vez mais cônica da própria dignidade humana, não sofre mais ser tratada como um objeto ou um instrumento, reivindica direitos e deveres consentâneos com sua dignidade de pessoa, tanto na vida familiar como na vida social.*”

Não é raro ver mulheres nas CEBs assumindo funções de liderança, elas participam ativamente, reconstituindo o modelo do cristianismo primitivo – “A igreja na casa dela” – segundo a exegeta e teóloga americana Elisabeth S. Fiorenza.<sup>11</sup> Esta autora enfatiza que as leituras realizadas pelos exegetas não faz jus ao real ‘status’ da mulher nas comunidades primitivas. Nas cartas genuinamente paulinas é aplicado o título de apóstolo à Junia e de diácono à Febe. Paulo também afirma que as mulheres trabalharam com ele em pé de igualdade. Em Fl 4,2-3 diz explicitamente que Evódia e Síntequa “combateram” lado a lado com ele. Além dessas, pode-se encontrar muitas outras que trabalhavam ativamente: Prisca, Lídia, Ápia, Trifena, Trifosa, Pérside, Ninfa, Laodicéia.

Através das Comunidades Eclesiais de Base – comunidades de fé - as mulheres começaram a refletir sobre a sua condição de sujeito histórico oprimido e a partir daí, adquirem força e voz para transmitirem sua experiência de fé e lutam contra a opressão de gênero que ocorre em todas as Igrejas.

##### 5) Inculturação da fé: realidade de opressão a outras culturas.

Pode-se considerar que as novas ‘relações eclesiais’ que se formaram entre católicos e não-católicos, a partir do encontro nas CEBs, permitiram a abertura para uma perspectiva mais ampla: a realidade de opressão dos indígenas e afro-latinoamericanos.

Elisabeth Fiorenza cunha um neologismo que abrange as relações de opressão existentes, chama-as de Kyriarquia (kyriarchy) e kyriocentrismo (da palavra grega para “Senhor” , "regra/domínio do mestre/mestre-centrismo"). O poder Kyriarcal é a

---

<sup>11</sup> FIORENZA, Elisabeth S., *As Origens Cristãs a partir da Mulher, uma nova hermenêutica*, Ed. Paulinas, São Paulo, 1992, p. 193.

estrutura dos sistemas de dominação generalizados e desumanidades sistemáticas, são relações de dominação e subordinação em todos os níveis: gênero, etnia, classe, cultura e religião. Como uma 'política de dominação', relaciona-se com a ideologia de crenças de superior e inferior.

Neste sentido, podemos observar que a evangelização proposta aos povos indígenas e afro-latinoamericanos foi realizada com base neste sistema que oprime e não respeita as diferenças. Leonardo Boff, em seu livro *Nova Evangelização, Perspectiva dos Oprimidos*<sup>12</sup>, chama o processo desenvolvido pelos espanhóis e portugueses de *transculturação*, para diferenciá-la da real inculturação da fé. Por inculturação entende-se o processo pelo qual a cultura assimila o evangelho a partir de suas próprias matizes culturais, pois só assim haverá uma verdadeira evangelização. No processo de transculturação, a assimilação é forçada, imposta através da violência física ou simbólica.

Por outro lado, as CEBs vêm desenvolvendo um trabalho de diálogo com essas culturas, levando uma evangelização libertadora, rompendo com o passado colonial e com os modelos mentais e institucionais de Igreja. A inculturação da fé se realiza de forma dinâmica, 'atraente' e 'convicente', dando um sentido novo a vida, refletindo a 'Boa Nova' anunciada por Jesus Cristo. Diante de tantos desafios e questionamentos, a mensagem cristã da Salvação de Jesus Cristo – sempre única e a mesma -, deve responder com novas linguagens, novas relações sociais, novas estruturas institucionais, novos conhecimentos e novas opções vitais.<sup>13</sup> No encontro Intereclesial de Ipatinga (2005) participaram representantes de 32 povos indígenas e de outras religiões e culturas afro-brasileiras. Inclusive, no documento oficial de encerramento do Intereclesial foi citada a fala de uma mulher indígena, Zinha, da tribo Pataxó, na Bahia: "*Nós precisamos da terra, para viver na terra, para trabalhar com paz e justiça*".<sup>14</sup>

## Conclusão.

As CEBs e este 'novo modo de ser Igreja' expressam uma eclesiologia inculturada na realidade latino-americana, fundamentada na Palavra de Deus; representam a busca e anseio por uma Igreja mais dinâmica e participativa, aberta a

---

<sup>12</sup> BOFF, Leonardo, *Nova Evangelização Perspectiva dos Oprimidos*, Vozes, Petrópolis, 1990, p 24.

<sup>13</sup> MIRANDA, Mário de França, *A Salvação de Jesus Cristo*, Ed. Loyola, 2004, p.10.

<sup>14</sup> Disponível em: <http://www.cebs11.org.br/index1.htm>, Net, acesso em 19 de jan. 2006.

todos e todas, comprometida com a transformação das realidades de opressão e desumanização. Talvez seja por isso, que depois desses quarenta anos de experiência eclesial, se possa afirmar que as CEBs são “ o novo modo de toda a Igreja ser”. Amém! Axé! Awerê! Aleluia!<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> Saudação utilizada nos encontros Intereclesiais das CEBs.